



A crise de paradigmas e a historiografia pós-modernista: uma revisão de literatura

Gabriel Saldanha Lula de Medeiros¹

Resumo: Após a Segunda Guerra Mundial, formou-se o entendimento crítico por parte de alguns intelectuais de que a modernidade teria servido, entre outras coisas, para potencializar a tirania dos Estados e as cosmovisões pautadas em ideias de superioridade e inferioridade raciais e culturais, que legitimaram conflitos e guerras ao redor do mundo. Com a crise da modernidade, novos paradigmas historiográficos vão ganhando espaço. Por isso, o presente trabalho é movido pela seguinte pergunta: “o que é o pós-modernismo e quais são as críticas com relação a ele?”. A metodologia consiste em uma revisão integrativa de literatura a partir de livros e artigos coletados na plataforma do Google Acadêmico. Em seguida, serão apresentadas algumas bases filosóficas e metodológicas pós-modernistas. Por fim, conclui-se que ainda não se tem uma compreensão satisfatória acerca do movimento pós-modernista, por este ainda estar em voga, sendo difícil compreender a sua totalidade, porém, ressaltando a importância de alguns dos seus postulados para o melhor entendimento acerca do principal objeto de estudo da ciência história: o passado.

Palavras-chave: Crise da modernidade; História das mentalidades; Virada Linguística; Pós-modernidade; Pós-modernismo.

The paradigm crisis and the postmodernist historiography: a literature review

Abstract: After World War II, some intellectuals developed a critical understanding that modernity would have served, among other things, to enhance the tyranny of States and cosmovisions based on ideas of racial and cultural superiority and inferiority, which legitimized conflicts and wars around the world. With the crisis of modernity, new historiographical paradigms are gaining ground. Therefore, the present work is moved by the following question: “what is postmodernism and what are the criticisms in relation to it?”. The methodology consists of an integrative literature review based on books and articles collected on the Google Scholar platform. Then, some postmodernist philosophical and methodological bases will be presented. Finally, it is concluded that there is still no satisfactory understanding of the postmodernist movement, as it is still in vogue, it is difficult to understand its entirety, however, highlighting the importance of some of its postulates for a better understanding of the main object of study of science history: the past.

Keywords: Crisis of modernity; History of mentalities; Linguistic Turn; Post-modernity; Postmodernism.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Graduado em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Pós-graduações em Metodologia do Ensino de Geografia e em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. E-mail: gabriellula96_@hotmail.com.

Introdução

Para que a produção historiográfica atingisse a diversificação metodológica presente nos dias atuais, existe um caminho percorrido desde a constituição da disciplina de história enquanto ciência no século XIX, passando pela escola metódica/tradicional e, posteriormente, pela “escola” dos Annales durante o século XX. Se antes a história dava conta do estudo do passado com base em narrativas e mitos, com a sua cientificação, os historiadores passam a buscar o rigor metodológico para a construção de seus discursos, pautando-se nas influências positivistas, de uma construção descritiva generalizante, levando em conta apenas a história dos grandes homens, dos grandes acontecimentos e tendo como fontes de informação apenas os documentos oficiais. Tratava-se, então, uma “historiografia oficial”, muitas vezes utilizada pelos Estados nacionais como um instrumento para legitimação de poder e construção de um sentimento de pertencimento para a população.

A partir da década de 1930 e das transformações sociais experimentadas pela industrialização, pelas crises políticas e econômicas provocadas pela Primeira Guerra Mundial e pela Grande Depressão de 1929, o consenso entre os historiadores era de que a “história tradicional” já não dava mais conta de abordar os acontecimentos em sua totalidade, abrindo espaço para novos campos de estudos e novas fontes, que não somente as oficiais, como diários, materiais de imprensa, narrativas, entre outras. Permitiu-se, então, o contato com outras ciências, em especial as ciências sociais e os estudos populacionais, possibilitando, assim, novos temas e novas formas de encarar o passado, afastando um pouco o caráter meramente descritivo e político/nacionalista da disciplina.

Por outro lado, com o neocolonialismo pautando-se em premissas ditas científicas que justificavam a dominação dos povos tidos como inferiores, o surgimento dos regimes autoritários do século XX (como o fascismo, o nazismo e o comunismo), a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, a ciência moderna e a própria modernidade entraram em crise, pois eram vistas como instrumentos de violência e de legitimação de poder, que tinham servido para fortalecer os conflitos e a tirania dos Estados sobre as massas, além de terem elevado a violência das guerras a um nível bélico nunca antes experimentado, inclusive com o advento de mísseis e bombas atômicas. Atrelado a esses acontecimentos e a essas novas visões de mundo, contribuíram para o surgimento do movimento pós-moderno a popularização dos meios de comunicação, facilitando a difusão de ideias, e os movimentos negro e feminista, pela liberdade sexual, pela emancipação da mulher nos mais diversos contextos, além da luta por democracia em várias partes do mundo. Todos esses acontecimentos provocaram uma verdadeira ebulição nas academias e nas ciências, causando rupturas metodológicas e o advento de novas correntes científicas. Com a história não foi diferente.

Considerado polêmico, o pensamento do movimento pós-modernista está longe de ser uma unanimidade entre os historiadores, sendo alvo de críticas até os dias de hoje. De acordo com Yilmaz (2007), essa abordagem não é bem compreendida pelos profissionais e acadêmicos da disciplina de história. Por isso, para tentarmos compreender melhor os seus fundamentos, o presente trabalho tem como guia a seguinte questão-problema: “o que é o pós-modernismo e quais são as críticas com relação a ele?”. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sistemática e de cunho qualitativo em livros e artigos científicos, onde buscaremos abranger melhor os postulados dessa corrente, bem como as críticas com relação a esse movimento, sem a pretensão de elucidar as polêmicas envolvendo esse campo de estudos.

Métodos

O presente trabalho consiste em uma revisão integrativa de cunho qualitativo, que tem por objetivo responder a questão-problema: “o que é o pós-modernismo e quais são as críticas com relação a ele?”. Para isso, foram selecionados alguns livros físicos e artigos coletados na plataforma do Google Acadêmico.

A primeira seção, intitulada “Modernidade: a escola metódica, o movimento dos Annales e a crise de paradigmas”, trará as bases históricas que culminaram com o advento da pós-modernidade. Já a segunda seção, intitulada “pós-modernidade e pós-modernismo”, trará a discussão que visa à elucidação da questão-problema.

A tabela abaixo apresenta os principais autores e trabalhos utilizados para a discussão do tema proposto, dos quais 8 são artigos científicos publicados em periódicos ou anais de eventos, e 2 são livros físicos.

Tabela 1: Textos que fazem parte da discussão do presente trabalho.

AUTORES/ANO	TÍTULO	PUBLICAÇÃO	PRINCIPAIS RESULTADOS
AVELAR, A. S. (2008)	Pós-Modernismo e os Ataques à História.	Cadernos UniFOA, Volta Redonda, ano III, n. 6, abril, 2008.	O autor reduz as propostas pós-modernistas com relação à história como um “duplo ataque”: 1) a negação da análise histórico-temporal; 2) a negação da validade dos modelos totalizantes e das metanarrativas.

BARROS, José D'Assunção (2007)	História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis.	Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 11, jan./jun. 2007.	Uma corrente historiográfica considerada precursora da historiografia pós-modernista é a chamada “história das mentalidades”, que já contava com alguns autores na primeira metade do século XX, mas se popularizou a partir da década de 1960. Esse campo de estudo investiga os modos de sentir, ou seja, está relacionada ao mundo mental, a construção do entendimento de uma mentalidade coletiva, ou mesmo de um inconsciente coletivo, nas sociedades em determinado período histórico.
BARROS, José D'Assunção (2018)	História e pós-modernidade.	Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018.	Pós-modernidade diz respeito ao período que sucede a modernidade, um tempo específico na contemporaneidade, cuja linha de pensamento está no questionamento a “verdade clássica” ou mesmo as promessas de progresso e emancipação alardeadas no período anterior. Pós-modernismo nada é mais do que do que o campo intelectual e científico das análises culturais, pois esta é a vertente em voga durante a pós-modernidade. Ver-se-ia o objeto de estudo não mais para descrevê-lo, muitas vezes isento de crítica, e sim para compreender as subjetividades que o permeavam, dando-lhe significado.
BOTOSO, Altamir (2010)	Romance histórico e pós-modernidade.	Revista de Letras. Universidade Católica de Brasília (UCB), volume 3, nº 1/2, ano III, dez/2010.	De acordo com o professor, história e ficção são discursos, formas de linguagem, e tem muito mais pontos de

			convergência do que de divergência.
ENDREW, John (2017)	Historiografia e pós-modernismo: diálogos possíveis.	VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História. Universidade Estadual de Maringá, 9 a 11 de outubro de 2017.	O pós-modernismo não é um movimento ou mesmo uma escola ou tradição de pensamento bem delimitados, tornando difícil uma visão mais ampla sobre ele no debate historiográfico.
FONTOURA, Antônio (2016)	Teoria da História.	Curitiba/PR, InterSaberes, 2016.	A aproximação da história com o discurso literário pode abrir espaço inclusive para o revisionismo histórico e para o relativismo, podendo colocar os historiadores sérios e não sérios em um mesmo patamar.
MARIA, Pedro de Castro (2013)	Ciência, modernidade e pós-modernidade.	Revista Angolana de Sociologia, 12/2013.	Os ideais advindos da modernidade traziam a promessa de construção de um mundo mais justo, pacífico, livre e com mais igualdade, onde a ciência poderia proporcionar ao homem maior qualidade de vida, “em vez de para produzir bombas atômicas, arrogância no exercício dos poderes, sobretudo os públicos, manipulação da ciência e dos cientistas, pondo-os ao serviço de grupos de interesse hegemônicos”.
SILVA, Leandro Rosa da (2016)	Pós-moderno e a prática historiográfica: o debate entre Frank Ankersmit e Perez Zagorin.	Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia. Ano 7, nº 2, ago/dez., 2016.	Ankersmit entendia que a estética da narrativa tem status ontológico na construção do conhecimento histórico. Para Zagorin, a historiografia moderna está sujeita a modismo, dentre eles, o desconstrutivismo.
THOLFSEN, Trygve T (1999)	Postmodern theory of history: a critique.	Memória y Civilización 2, 1999, p. 203-222.	Para o autor, as críticas feitas pelos entusiastas do pós-modernismo devem ser aceitas como uma oportunidade para reflexão e

			melhoramento da prática científica.
YILMAZ, Kaya (2007)	Postmodernist approach to the discipline of history.	Kocaeli Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi, (14) 2007/2, p. 176-188.	A “descentralização” é um ponto marcante do pós-modernismo, já que busca a “quebra” do entendimento de que existe uma hierarquização entre a cultura acadêmica e a cultura popular, seguindo uma ideia de desconstrução, ampliando o leque de objetos de estudos para temas que antes passariam incólumes pela academia, “redesenhando os mapas do conhecimento”.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos trabalhos acima elencados, 2 são em língua inglesa, enquanto 8 são em português.

Todos os artigos selecionados são revisados por pares, garantindo, assim, a maior confiabilidade das informações consultadas.

Resultados e discussão

Modernidade: a escola metódica, o movimento dos Annales e a crise de paradigmas

Antes de discutirmos a respeito da ciência histórica em si, é importante contextualizarmos o que se entende por “modernidade”. Assim como muitos dos conceitos utilizados nas ciências humanas e sociais, o termo “modernidade” pode ter várias definições, a depender do autor. O sociólogo angolano Pedro de Castro Maria (2013) traz esse conceito de acordo com alguns autores. Para Anthony Giddens, a modernidade “diz respeito às instituições e ao modo de comportamento” do homem europeu após o declínio do feudalismo e o advento da industrialização, tendo como principal característica o modo de produção capitalista. Já Max Weber vê esse período como uma “análise e descrição do processo de racionalização” ocidental, caracterizando-se pela cientificação, pela tecnização e pela burocratização. Maria (2013), então, vê a ciência como “um dos projetos mais importantes” do período em questão, que deveria ser expandida a fim de impactar a vida das pessoas.

Com a Idade Contemporânea, após a Revolução Francesa, em seu contexto de revoluções liberais e democráticas, com o fim dos governos absolutistas e o anseio de maior participação

popular na política, além das reivindicações por maiores liberdades individuais e econômicas, os ideais oriundos da modernidade traziam a promessa de construção de um mundo mais justo, pacífico, livre e com mais igualdade, onde a ciência poderia proporcionar ao homem maior qualidade de vida, “em vez de para produzir bombas atômicas, arrogância no exercício dos poderes, sobretudo os públicos, manipulação da ciência e dos cientistas, pondo-os ao serviço de grupos de interesse hegemônicos” (MARIA, 2013, p. 1).

O movimento iluminista do século XVIII deu as bases para a modernidade, para a ciência moderna, que entendia o uso da razão como meio para construir o conhecimento. A razão e o conhecimento, portanto, as luzes, em oposição às trevas da ignorância. O movimento iluminista agora lançava um discurso que construía o “saber” por base em teorias e métodos seculares, opondo-se à centralidade que Deus e a Igreja ocupavam até então. Atingindo seu apogeu no século XIX e ainda reverberando para as primeiras décadas do século XX, essa ciência moderna criava paradigmas e narrativas generalizantes, onde a natureza era “regulada” por um sistema de leis universais. O Iluminismo é também uma visão de mundo e que, por meio da razão, o homem poderia conhecer essas leis, compreender a natureza e atuar sobre ela (MUNIAGURRIA; ZOREK, 2017).

O Iluminismo inaugurou a fé na razão, onde, por meio dela, o homem poderia dominar a natureza e garantir o progresso. O progresso não era tido como uma possibilidade, e sim como uma certeza. Havia um sentido “positivo” nas ciências modernas, inclusive na teleologia marxista, que considerava uma inevitável revolução proletária e o fim do capitalismo. Esse sentido positivo, de progresso, com viés teleológico, também é conhecido como “filosofia da história”. A própria doutrina marxista é considerada uma filosofia da história, uma visão de mundo, um modelo para explicar a história, assim como o liberalismo clássico de Adam Smith, que entendia que o uso da razão pelos homens de forma individual em suas áreas de atuação conduziria as sociedades ao progresso, sendo esse movimento chamado por ele de “mão invisível do capitalismo”. Marxismo e liberalismo, portanto, são correntes filosóficas que foram tocadas pela ideia iluminista de progresso (MUNIAGURRIA; ZOREK, 2017).

Nesse contexto de cientificação, muitas disciplinas ganharam status de ciência, como é o caso da geografia e da história, na Europa, sob a égide do positivismo, cujo método era essencialmente descritivo, generalizante (refletindo a influência das ciências naturais) e na busca por um conhecimento imparcial. Augusto Comte, o criador do positivismo, dizia que a compreensão da realidade histórica se desenvolveu, basicamente, em três estágios: o teológico, o metafísico e o positivo. No primeiro, as explicações dos acontecimentos eram atribuídas a Deus/deuses. No segundo, atribuídas a conceitos abstratos. Na terceira, à explicação científica, com seu método de observação e experimentação (FONTOURA, 2016).

Após sua cientificação, a história tradicional ou a escola metódica, ou ainda positivista, surgiu na Alemanha e na França durante as duas últimas décadas do século XIX, influenciada pelas ideias do historiador alemão Leopold von Ranke, que criticava o modelo de história até então vigente na Europa, que fazia uso limitado de fontes primárias, com muitas especulações e mitos, tendo um caráter “pouco científico”. A história, para ele, positivista, deveria ser estritamente baseada na ciência por meio de uma análise objetiva do passado, sem especulações, com um conhecimento que se embasasse exclusivamente em documentos oficiais. Tornou-se um “modelo de história” bastante difundido no Brasil devido à influência da intelectualidade francesa no país. A escola metódica privilegiava a ação de alguns personagens históricos em específico, reduzindo a influência do contexto. Por ser positivista, era um modelo essencialmente narrativo, descritivo, das ações e motivos dos atores que desencadeavam o desenrolar da história. Apesar de proclamar um caráter puramente científico e neutro, esse modelo era utilizado para dar sustentação ao nacionalismo através de suas narrativas, utilizadas pelos Estados-nações para justificar o patriotismo (FONTOURA, 2016), especialmente por ter se popularizado durante um período de revoluções liberais e fim das monarquias absolutistas, com o surgimento dos Estados nacionais.

Diga-se, verdadeiramente, que a história tradicional – positivista, historicista, metódica – marcou a entrada dessa disciplina na academia e sistematizou, organizou o seu campo de estudo com rigores técnicos. Porém, apesar da intenção inicial residir na total objetividade e imparcialidade, Marczał (2016) defende que a simples narrativa dos fatos políticos muitas vezes apenas justificava as posições tomadas pelos governantes, fortalecendo as posições dos grupos hegemônicos e combatendo “vozes dissonantes”. Ao adotarem uma análise histórica vista de cima, os objetivos da narrativa e da abordagem já estavam previamente escolhidos, ainda que esta não fosse supostamente a intenção, adotando uma postura acrítica e puramente descritiva, por vezes reforçando posturas de poder, de repressão, de opressão, correndo o risco de naturalizá-las.

Em 1929, foi fundada a revista francesa dos *Annales* (originalmente, *Anais de História Econômica e Social*), da qual os autores buscavam avançar sobre os limites da historiografia positivista, expandindo os objetos de estudo e as metodologias tradicionais, sob influência da sociologia, popularizando-se e assumindo postos majoritários da academia francesa principalmente a partir da Segunda Guerra. As principais características do movimento dos *Annales* estavam na negação de uma história com caráter meramente narrativo, linear e sucessivo dos acontecimentos, e também na negação do “imperativo político”, onde a história se desenrolava tendo como força motriz somente a ação de poucos grupos hegemônicos. Agora temas sociais (coletivos) e econômicos passaram a predominar, com intercâmbio da história com outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a geografia, a economia e mesmo a psicologia. Com o interesse

em pesquisar a história a partir do ponto de vista de outros grupos sociais que não os dominantes, outras fontes históricas precisaram ser levadas em conta que não apenas as oficiais, governamentais e produzidas pela Igreja. O autor ressalta que, apesar de os documentos escritos continuarem sendo extremamente relevantes, agora também havia espaço para outras formas de documentação: registros da imprensa, imagens, filmes, literatura, diários, dados estatísticos, mapas e até mesmo fontes orais, entrevistas (evidências orais, visuais e estatísticas). A disciplina passou a ser vista como “história-problema”, em substituição ao modelo narrativo utilizado anteriormente, onde as investigações eram conduzidas a partir de pressupostos ou indagações feitas a priori para que, posteriormente, fossem levantados os dados e os fatos históricos nas fontes de maneira a responder aos questionamentos prévios. Percebe-se que essa ciência se desenvolve através de uma relação entre o passado e o presente. Agora, geralmente, os pesquisadores analisariam as fontes em busca de respostas do passado para questionamentos do presente, cautelosamente, para não incorrerem em anacronismos (MARCZAL, 2016).

Nos anos de 1960, ocorreram rápidas transformações sociais e econômicas que provocaram modificações nos modelos científicos já postos, fazendo-se necessária uma ampliação da diversificação das metodologias e das abordagens científicas para melhor compreender os diferentes aspectos das sociedades em constantes transformações.

Marczal (2016) ressalta que, após a Segunda Guerra e, particularmente, a partir dos anos de 1960, o mundo enfrentou modificações importantes como o crescimento econômico, o aumento no número de universitários, o aumento nos níveis de escolaridade e, principalmente, a diversificação dos meios de comunicação, que deram não só maior dinamismo e rapidez na circulação da informação como também fizeram com que esta chegasse a lugares nunca antes atingidos. Segundo o autor, a maior circulação de informação, bem como sua maior rapidez, fizeram com que os meios de comunicação fossem utilizados para fomentar discussões e movimentos acerca de temáticas antes rejeitadas ou tidas como irrelevantes, como é o caso dos movimentos feministas, de liberdade sexual, de consciência negra, a favor dos direitos humanos e também outros movimentos de liberdade e de combate a autoritarismos, como é o caso dos movimentos estudantis que, iniciados na França em 1968, inspiraram outros ao redor do mundo, especialmente na América Latina, onde jovens estudantes lideraram manifestações de resistência popular contra os governos ditatoriais da época, especialmente no Brasil.

Pedro de Castro Maria (2013), elencando autores como Boaventura de Souza Santos e Juvenal Arduini, diz que a pós-modernidade é um período de transição após a crise dos paradigmas modernos, por estes não terem “cumprido as suas promessas”. A pós-modernidade, portanto, surge a partir da insatisfação com a modernidade.

Através dessa ebulição de acontecimentos a partir dos anos de 1960, os cientistas começaram a questionar os seus modelos científicos, muitas vezes pautados em autores e teorias cristalizados desde os séculos XVIII e XIX, para a análise da realidade daquele período, originando o que ficou conhecido como a crise de paradigmas, dos paradigmas cristalizados desde o Iluminismo, pautados na racionalização e mesmo na criação de uma teoria geral que explicasse os eventos históricos e os fenômenos sociais (incluindo o marxismo), sob o argumento contrário de muitos, de que sem esse modelo científico não se poderia construir conhecimento, ignorando os aspectos subjetivos, pois estes não poderiam contribuir para o fomento de uma teoria geral, de um modelo “racionalizante”. Por outro lado, as duas grandes guerras e o avanço de sistemas políticos opressores, autoritários, e a criação de armas de destruição em massa levaram parte da população a acreditar que o progresso desse modelo científico racionalizante, iniciado com o Iluminismo, havia conduzido a humanidade a caminhos que não o da felicidade e do bem-estar. O modelo científico vigente, portanto, entrou em crise.

Antes de tratarmos a respeito da pós-modernidade e do pós-modernismo, faz-se importante ressaltar que, apesar de Karl Marx e Friedrich Engels serem reconhecidos como pioneiros em um modelo crítico à produção historiográfica tradicional, o materialismo histórico não passou ileso pela crise de paradigmas, tendo em vista que constitui uma filosofia da história, ou seja, uma “teleologia”, onde todo o desenrolar histórico se daria tendo como base os meios de produção do capitalismo e a luta de classes, onde o fim inevitável seria a revolução do proletariado. Trata-se, portanto, de uma corrente que bebeu das mesmas fontes das demais correntes científicas modernas: a construção de uma narrativa generalizante. Algumas críticas ao trabalho de Marx dão conta de que ele tendia a fazer uma leitura pautada no “dogmatismo econômico”, uma leitura histórica pautada no determinismo econômico, como salientava Max Weber (FONTOURA, 2016).

Na próxima seção, será discutido a respeito da pós-modernidade e do pós-modernismo, ou seja, as novas tendências metodológicas na historiografia para o estudo do passado a partir da desconstrução dos paradigmas da modernidade, já que esses não davam mais conta de responder aos anseios da sociedade e mesmo das ciências com relação aos ideais de progresso e desenvolvimento. Serão discutidas, em linhas gerais, as bases filosóficas que influenciaram o movimento, como a virada linguística e a corrente da história das mentalidades, além de trazer também algumas críticas com relação ao mesmo, tendo em vista que o pós-modernismo está longe de ser uma unanimidade e, por vezes, considerado polêmico por parte da comunidade científica.

Pós-modernidade e pós-modernismo

Como já vimos, e de modo geral, podemos dizer que a pós-modernidade surge a partir da sensação que permeia a sociedade de que as promessas de progresso e desenvolvimento imbricadas nos ideais modernos não foram atingidas, pelo contrário: trouxeram consigo a legitimação de ditaduras, a acentuação dos conflitos bélicos, a justificativa para o neocolonialismo que se pautava em premissas de superioridades raciais e culturais, além de não ter conseguido corresponder aos anseios da população com relação à construção de sociedades mais justas, menos desiguais, com mais liberdade. O avanço dos meios de comunicação e os movimentos negro e feminista, além dos movimentos estudantis que arrebataram vários países durante a década de 1960, podem ser considerados catalisadores desse estado de insatisfação.

Com relação às ciências, entendia-se que ocorrera um esgotamento dos paradigmas científicos, especialmente nas ciências humanas e sociais. A historiografia do movimento dos Annales, que estava em voga até então, tinha a pretensão de construir uma “história total”, o que era absolutamente irreal dada a impossibilidade de acessar o passado de forma integral. O materialismo histórico com sua visão teleológica pautada no determinismo econômico já não conseguia responder aos novos questionamentos da sociedade contemporânea.

Antes de prosseguirmos, para o melhor entendimento da questão em discussão, faz-se necessário distinguir dois conceitos que, para Barros (2018), são constantemente e erroneamente tratados como sinônimos: pós-modernidade e pós-modernismo. O primeiro diz respeito ao período que sucede a modernidade, um tempo específico na contemporaneidade, cuja linha de pensamento está no questionamento à “verdade clássica” ou mesmo às promessas de progresso e emancipação alardeadas no período anterior. No campo da história, a crítica era feita com relação a uma construção de narrativas generalizantes (também chamadas de “metanarrativas”), universais, mesmo teleológicas, como se a história seguisse um curso de progresso com um fim a ser atingido. Já o segundo nada mais é do que o campo intelectual e científico das análises culturais, pois essa é a vertente em voga durante a pós-modernidade. O objeto de estudo não mais seria visto apenas para descrevê-lo, muitas vezes isentando-se de crítica, e sim para compreender as subjetividades que o permeavam, dando-lhe significado. Esse entendimento ficará mais claro adiante, quando discutirmos sobre as novas metodologias adotadas. Houve também influência do movimento filosófico da “virada linguística”, colocando a história não mais como uma construção de discursos meramente descritivos, aproximando-a da literatura e mesmo da ficção.

Barros (2018) aponta que, em virtude da consolidação do capitalismo, a cultura também se tornou uma mercadoria – a indústria cultural. Com a expansão do consumismo, aumentaram os

números de livros publicados e vendidos, fazendo com que muitos historiadores lançassem romances históricos, sem a formalidade científica. Essa forma narrativa é considerada polêmica, pois, para os pós-modernistas, a impossibilidade de acessar o passado em sua totalidade e a improbabilidade de “despir” completamente o historiador de sua própria subjetividade, de sua própria visão de mundo ao encarar o seu objeto de estudo, como acreditavam ser possível os teóricos da escola tradicional, podem tornar a narrativa histórica próxima da ficcional, pois o discurso do historiador não é neutro e está carregado de valores e símbolos próprios. A linguagem, pois, faz parte da construção do conhecimento histórico. Há quem diga, inclusive, que em virtude dessas características, a história não seria uma ciência, e sim uma construção ficcional.

Para o professor Dr. Altamir Botoso (2010), “a literatura e a história são discursos que estiveram muito próximos” (p. 37), pois ambas são construções humanas que têm a linguagem como origem comum, e esta é carregada de signos, podendo “redescobrir” e “reinventar” os acontecimentos. De acordo com o professor, história e ficção são discursos, formas de linguagem, e tem muito mais pontos de convergência do que de divergência.

Fontoura (2016) tece críticas quanto a esse entendimento pós-modernista influenciado pelo movimento da virada linguística, pois, segundo ele, os argumentos acima podem abrir espaço inclusive para o revisionismo histórico e para o relativismo, podendo colocar os historiadores sérios e não sérios em um mesmo patamar. Para o autor, é bem verdade que quando se trata de objetividade em história, temos que levar em conta que o historiador traz consigo pressupostos e preferências que atuam desde a seleção das fontes, na escolha da bibliografia e na construção das explicações. As citações que confirmem sua visão de mundo são muito mais rapidamente selecionadas do que as que as contestam, pois chamam mais à sua atenção (algumas dessas ficam inclusive de fora da análise). Tender à objetividade não significa que esta será alcançada. Por outro lado, para ele, ao contrário do que dizem os pós-modernos, a linguagem não é o único meio de se acessar o passado: isso se dá por meio de provas, validadas através de metodologias científicas elaboradas e aplicadas com o devido rigor. O relativismo do pós-modernismo descarta o rigor científico na produção dos trabalhos históricos. Apesar do rigor metodológico científico ainda apresentar eventuais falhas, isso não considera dizer que seja inútil e que a história só produza ficções e conhecimentos inválidos.

Barros (2018), porém, acredita que a aproximação da história com a literatura trouxe o benefício de popularizar e aproximar da sociedade temas que poderiam ser minimizados pela historiografia da época, especialmente antes da década de 1960 e da crise de paradigmas, como é o caso da história das mulheres ou temáticas voltadas para a cultura africana ou para a diversidade religiosa. Segundo ele, os atritos que envolvem a questão da linguagem na historiografia fazem com que muitos historiadores tenham dificuldade em se assumir como pós-modernistas.

Com relação ao discurso histórico e essa aproximação com a narrativa literária, o historiador Dr. Leandro Rosa da Silva (2016) traz um debate ocorrido entre o pós-modernista holandês Frank Ankersmit e o modernista americano Perez Zagorin, em artigos publicados pela revista *History and Theory*, em 1989.

Ankersmit aponta para a grande quantidade de interpretações existentes com relação aos textos originais, constituindo “comentários sobre comentários”, criando cadeias interpretativas, tornando absurda a crença existente de que os textos poderiam oferecer soluções aos problemas de interpretação. Por isso, ele entende que “não existe mais texto, mais passado, apenas interpretações destes” (ANKERSMIT apud SILVA, 2016, p. 251). Ankersmit entende a história não somente a partir do fato histórico, mas também da criação de um significado para o mesmo através da interpretação, da atividade literária. Ele entende que somente as fontes, ou seja, esses fragmentos do passado são evidências que não apontam para o passado em si, mas para interpretações dele, aproximando a historiografia do texto literário, acreditando que a realidade e a objetividade históricas não podem ser acessadas integralmente. Dessa forma, os historiadores utilizariam recursos estéticos em suas produções, assim como na literatura, concebendo a historiografia como uma forma narrativa para explicar o passado. A história, portanto, não poderia ser compreendida pelo passado em si, mas sim por narrativas construídas: a análise do passado por meio de suas representações.

Zagorin, por sua vez, discorda da ideia de Ankersmit de que a pós-modernidade seria uma forma nova e superior de compreender a história. Para ele, a pluralidade atual da historiografia está sujeita a modismos, dentre eles, a ideia de desconstrutivismo, não priorizando as abordagens empírica e científica tradicionais em detrimento da estética narrativa, e de subjetividade na interpretação histórica. Assim, o conteúdo seria definido pela forma, pela “natureza da linguagem”. Para Zagorin, o pós-modernismo afasta o passado das evidências, onde a estética estaria se sobrepondo à verdade, tornando a historiografia uma prática rasa, superficial, onde o conteúdo seria uma derivação do estilo.

Silva (2016) aponta uma “distorção” no texto de Zagorin com relação ao que foi proposto por Ankersmit no que concerne ao trabalho com as fontes. Para o autor, a proposta pós-modernista prevê que os atributos cognitivos da estética/estilo “têm status ontológico” sobre o objeto, supondo que Zagorin faça análises radicais das falas de Ankersmit para poder defender o seu próprio ponto de vista, pois o pós-modernismo não propõe a rejeição das fontes, pelo contrário: compreende que estas, por si só, não produzem o conhecimento que, por sua vez, somente seria possível pelas diversas interpretações que podem ser feitas das próprias fontes, através de recursos narrativos (SILVA, 2016, p. 255).

Além do movimento da virada linguística, outro fator que influenciou a historiografia pós-modernista foram os estudos de ordem cultural, impulsionados principalmente pela popularidade adquirida pela antropologia e mesmo pela sociologia, além da influência da psicologia no que se convencionou por “história das mentalidades”, abrindo espaço para atores antes desconsiderados pelo paradigma clássico, como é o caso dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, da comunidade gay e de diversas comunidades étnicas. Essa tendência de produzir um conhecimento mais fragmentado, focando em recortes temporais ou indivíduos mais específicos, influenciou o pensamento pós-moderno.

Segundo Andrew (2017), com a produção das chamadas “história vista de baixo” e “micro-história”, a partir das décadas de 1960 e 1970, objetos de estudo antes marginalizados agora passam a chamar a atenção de alguns estudiosos, abrindo espaço para que novos campos pudessem ser explorados, inclusive permitindo maior visibilidade a grupos sociais que até então passavam praticamente despercebidos pela produção acadêmica.

Uma corrente historiográfica considerada precursora da produção pós-modernista é a chamada “história das mentalidades”, que já contava com alguns autores na primeira metade do século XX, mas se popularizou a partir da década de 1960. Esse campo de estudos investiga os modos de sentir, ou seja, está relacionado ao mundo mental, à construção do entendimento de uma mentalidade coletiva, ou mesmo de um inconsciente coletivo, nas sociedades em determinado período histórico. Podem investigar os sentimentos de medo com relação à morte, por exemplo, como é o caso de Philippe Ariès e Michel Vovelle (BARROS, 2007).

As críticas a essa corrente têm sido de ordens metodológica e teórica: a dificuldade em delimitar o objeto de estudo da história das mentalidades e as temáticas usualmente consideradas exóticas. De qualquer forma, esse segmento é considerado uma tendência da chamada “Nova História”. A exploração de múltiplos objetos acentua o caráter fragmentário dessa corrente, rompendo com as antigas pretensões de construir uma “história total”, pensamento comum aos Annales (BARROS, 2007).

De acordo com Yilmaz (2007), a pós-modernidade tem como postulado as transformações sociais e culturais da segunda metade do século passado, que afetaram “as velhas suposições essencialistas” científicas que buscavam objetividade, além das normas tradicionais das classes médias e as altas expectativas por crescimento econômico e industrial. Nesse sentido, o pós-modernismo trouxe questões importantes não só para a história, mas para todas as ciências humanas. O autor elenca como uma das principais características do pós-modernismo a rejeição ao realismo histórico, a ideia de que o passado é algo objetivo e real. A “descentralização” também é um ponto marcante, já que busca a “quebra” do entendimento de que existe uma hierarquização entre a cultura

acadêmica e a cultura das massas, seguindo uma ideia de desconstrução, ampliando o leque de objetos de estudo para temas que antes passariam incólumes pela academia, “redesenhando os mapas do conhecimento”.

No lugar das metanarrativas, agora estava sendo proposta uma diversidade de linguagens através das quais seria encarada a natureza do conhecimento. Portanto, dois pontos importantes para essa corrente são a concepção de linguagem e a rejeição do realismo, pois a linguagem é vista como parte integrante de um sistema de signos que impedem uma comunicação independente dessa lógica, afastando a possibilidade de um conhecimento objetivo. Aliás, o autor fala que a razão pela qual as críticas do pós-modernismo com relação à disciplina de história são as mais fortes justamente em virtude das narrativas históricas teleológicas, que muitas vezes podem ser vistas como uma representação da ideologia burguesa, fornecendo um senso de direção ilusório para as pessoas.

Ainda para Yilmaz (2007), além das críticas acima, o pós-modernismo vê a historiografia clássica ocidental como uma “prática autoritária” carregada de etnocentrismo, refletindo os interesses da classe média “branca” europeia. Nesse sentido, os autores assumem uma característica de “narração e ponto de vista oniscientes”, mas, de acordo com a crítica, os historiadores não podem ser objetivos quando se trata de “olhar além” de sua própria classe, cultura, ética e sexo, pois os homens podem expressar apenas as ideologias de seus tempos. Por isso, defende-se que as pessoas que ao longo do tempo foram privadas de contar as suas próprias histórias assim o façam, evitando narrativas sintetizadas a partir de outros pontos de vista. Por essas razões, os autores pós-modernistas tendem a apoiar os movimentos universitários relacionados aos estudos feministas, étnicos, de cultura afro e até mesmo de cultura gay, promovendo a ideia de multiculturalismo.

Tholfesen (1999) vê na historiografia pós-modernista um chamado para que os cientistas repensem as suas práticas, principalmente partindo da premissa de que “o texto histórico é um objeto em si mesmo, feito inteiramente da linguagem”, atentando para a suposta “ficcionalidade” da escrita histórica em detrimento do “empirismo factualista” que guiaria os estudos dos profissionais da área, rejeitando o ideal de objetividade da produção tradicional. Então, para o autor, as críticas feitas pelos entusiastas do pós-modernismo devem ser aceitas como uma oportunidade para reflexão e melhoramento da prática científica.

Os pós-modernistas rejeitam o “modo histórico” como único, autônomo e “distinto” de ver o passado, porque acreditam que, dessa forma, os estudos têm seu valor analítico limitado, rejeitando o “princípio historicista” e a individualidade da história. O passado, para eles, pode ser compreendido de outras formas que não somente “historicamente” (THOLFSEN, 1999, p. 203).

Todavia, a polêmica se estende. O doutor em ciências humanas Alexandre de Sá Avelar (2008) diz que muitas “preocupações” pós-modernistas não são novidade, e que já faziam parte da agenda do movimento dos Annales e do marxismo. A ideia predominante é que a redescoberta dessas temáticas provocou modificações nas abordagens dessa disciplina e na historiografia. Para ele, o conhecimento histórico antes já possuía interligações com o conhecimento produzido por outras áreas do conhecimento, como a própria linguística, a psicanálise, a antropologia, fato que contribuiu para a cientifização da história, possibilitando uma “compreensão holística, [...] eliminando o fortuito e o irracional da narrativa histórica” (p. 41).

Segundo o autor, o paradigma iluminista nunca rejeitou contribuições de outras áreas do conhecimento, não havendo o pós-modernismo apontado para “novidades concretas”. Desse modo, indaga: “quais as especificidades das abordagens pós-modernas na historiografia? Que papel mais geral é dado para a história por uma concepção que privilegia o enfoque fragmentário e não-progressista da vida social?”. O autor reduz as propostas pós-modernistas com relação à história como um “duplo ataque”: 1) a negação da análise histórico-temporal; 2) a negação da validade dos modelos totalizantes e das metanarrativas (AVELAR, 2008, p. 41).

Avelar (2008) entende que a filosofia pós-moderna ataca contra a história enquanto disciplina racional e explicativa da realidade social, pois coloca em descrédito a sua “ambição científico-racionalista” quando desconsidera os critérios de hierarquização e as formas de validação científicas, tornando válidas todas as formas de interpretação.

Apesar das diferenças metodológicas entre o Iluminismo, a Escola Metódica, o movimento dos Annales e o marxismo, essas correntes entendiam a construção do conhecimento histórico a partir de um processo científico, pautado na razão e com procedimentos convencionados tanto para a análise das fontes como para a concepção de explicações. Para isso, com a cientifização, os aspectos literários do discurso histórico foram relegados, para dar espaço aos métodos que o autor enxerga como “corretos” e rigorosos para a produção do saber, afastando a história de um caráter imaginativo e ficcional, o que havia garantido a ela um lugar importante dentre as ciências sociais (AVELAR, 2008).

Na visão do autor, a queda da crença de que as metanarrativas pudessem provocar emancipação, além da necessidade de o cientista em falar para um público cada vez maior dada a “explosão consumista”, entre outros motivos, acabaram por aproximar a literatura do discurso histórico. A despeito de suas críticas, Avelar (2008) reconhece que o discurso histórico dito científico não possibilitava novas temáticas mais palatáveis para a literatura, como é o caso da história da sexualidade, das mentalidades, das mulheres, etc., fato que revela a “pouca atenção”

dedicada a esses assuntos pela historiografia tradicional. Ele também reconhece como “reflexão encaminhada pela pós-modernidade” a desconstrução do historiador como imparcial e objetivo.

Por outro lado, acredita ser uma atitude extrema dizer que a história seria produzida por profissionais com interesses próprios, assim como também seria extremo supor que a história fuja da “razão científica” em virtude do caráter múltiplo dos saberes, desconsiderando as análises estruturais em detrimento das formas de representação. Para o pós-modernismo, dada a “impossibilidade da metanarrativa científica”, o historiador, então, deveria se voltar para questões de microinterpretações.

O autor diz que esses “ataques” pós-modernistas à história não podem ficar sem resposta, pois estariam colocando em xeque uma longa construção teórica e metodológica, pautada na razão, que auxilia na construção do conhecimento científico. Para ele, o pós-modernismo é uma concepção irracional das transformações capitalistas contemporâneas, afirmando que o relativismo poderia levar as pessoas a duvidar da existência de categorias efetivas, como o próprio sistema capitalista. Para ele, as questões da contemporaneidade devem ser encaradas pelos instrumentos de investigação científicos e racionais, não fazendo com que a interpretação estrutural da história tenha perdido a validade: “como compreender um sistema global como o capitalismo utilizando-se as categorias fragmentadas e a-históricas do pós-modernismo?” (AVELAR, 2008, p. 47). A diversificação dos temas trazidos, portanto, não seria suficiente para rejeitar as microanálises.

Por fim, pode-se dizer que um consenso sobre o pós-modernismo está longe de existir entre os historiadores. John Andrew (2017) diz que o pós-modernismo não é um movimento ou mesmo uma escola ou tradição de pensamento bem delimitados, tornando difícil uma visão mais ampla sobre ele no debate historiográfico. Tanto é assim, que alguns consideram essa vertente o novo paradigma das ciências humanas e sociais, enquanto outros acreditam que o pós-modernismo nem existe ou não tenha legitimidade científica, referindo-se a essa corrente de forma pejorativa. A pluralidade de ideias nesse movimento é tamanha, que o autor vê dificuldades mesmo em traçar um “perfil uno” do mesmo. Todavia, podemos afirmar que, como consenso entre os autores, o pós-modernismo provocou uma “crescente produção intelectual que pretende relativizar as pretensões a um conhecimento histórico objetivo e a própria inteligibilidade do real”, atrelando-se ao pensamento de que o “caráter científico das humanidades” não é a única forma de se produzir “conhecimento vertical” (ENDREW, 2017, p. 2573).

Considerações finais

A pós-modernidade emergiu de um contexto de reivindicações legítimas tanto da sociedade quanto da comunidade científica, porém, o pós-modernismo, enquanto campo de estudos, ainda gera muita polêmica.

O presente trabalho teve como objetivo tentar esclarecer um pouco mais o debate científico a respeito do movimento pós-modernista, trazendo suas principais características, mas também trazendo as críticas a seu respeito.

Apesar da falta de consenso entre os historiadores, torna-se inegável que essa nova forma de conceber a historiografia deu, e ainda dá, “lugar de fala” a grupos esquecidos pela produção acadêmica durante décadas. Faz-se importante ressaltar, também, que em virtude da aproximação com a literatura, os estudos históricos puderam atingir uma quantidade de público talvez nunca antes atingida. Inegável, também, que muitos historiadores, ainda que não se proclamem pós-modernistas, utilizaram as críticas feitas por essa corrente para reavaliar as suas próprias práticas historiográficas.

Delimitar e traçar um perfil do movimento ainda é uma tarefa difícil, especialmente pela sua falta de unidade metodológica e mesmo teórica. Por outro lado, não se deve desconsiderar suas contribuições intelectuais, baseando-se em críticas muitas vezes radicais e distorcidas. A partir das colocações de Ankersmit, percebe-se que muitas críticas a respeito do alegado desprezo dos pós-modernistas para com as fontes históricas não é factível, pois, na realidade, o que se propõe é uma nova maneira de interpretar e dar significado a elas, e, assim, construir o conhecimento.

O advento de uma metodologia mais fragmentária e pautada em microinterpretações não exclui, necessariamente, o paradigma das construções generalizantes. A depender do objeto de estudo, uma metodologia pode ser melhor empregada em detrimento de outra, sem preconceitos ou tratamentos depreciativos.

Pode-se dizer, por fim, que as críticas ao movimento pós-modernista podem se dar, em grande parte, por más interpretações de seus postulados filosóficos ou, às vezes, por preconceito em virtude da dificuldade em delimitar os seus objetos de estudo, como é o caso da história das mentalidades, que se direciona para objetos mais abstratos, podendo, assim, incorrer em injustiças. Por isso, pejorativamente, alguns se referem a esta corrente como “não-científica”, desconsiderando ganhos extremamente importantes para a ciência histórica e mesmo para a sociedade em geral que inúmeros trabalhos pós-modernistas trouxeram à luz.

Referências

- AVELAR, A. S.. **Pós-Modernismo e os Ataques à História**. Cadernos UniFOA, Volta Redonda, ano III, n. 6, abril, 2008.
- BARROS, José D'Assunção. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 11, jan./jun. 2007.
- BARROS, José D'Assunção. **História e pós-modernidade**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018.
- BOTOSO, Altamir. **Romance histórico e pós-modernidade**. Revista de Letras. Universidade Católica de Brasília (UCB), volume 3, nº 1/2, ano III, dez/2010.
- ENDREW, John. **Historiografia e pós-modernismo: diálogos possíveis**. VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História. Universidade Estadual de Maringá, 9 a 11 de outubro de 2017.
- FONTOURA, Antônio. **Teoria da História**. Curitiba/PR, InterSaberes, 2016.
- MARCZAL, Ernesto Sobocinski. **Introdução à historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas pós-modernas**. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- MARIA, Pedro de Castro. **Ciência, modernidade e pós-modernidade**. Revista Angolana de Sociologia, 12/2013.
- MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de; ZOREK, Bruno de Macedo. **Leitura e interpretação de textos historiográficos**. Curitiba: InterSaberes, 2017.
- SILVA, Leandro Rosa da. **Pós-moderno e a prática historiográfica: o debate entre Frank Ankersmit e Perez Zagorin**. Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia. Ano 7, nº 2, ago/dez., 2016.
- THOLFSEN, Trygve T. **Postmodern theory of history: a critique**. Memória y Civilización 2, 1999, p. 203-222.
- YILMAZ, Kaya. **Postmodernist approach to the discipline of history**. Kocaeli Üniversitesi Sosyal Bilimler. Enstitüsü Dergisi, (14) 2007/2, p. 176-188.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. A crise de paradigmas e a historiografia pós-modernista: uma revisão de literatura. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2024, vol.18, n.71, p. 182-200, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 18/04/2024; Aceito 14/05/2024; Publicado em: 31/05/2024.